



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ANA PAULA RIBEIRO
ANTONIO JOSÉ DA SILVA FILHO
DANIELA MONTEIRO BERTIE
SILVIA HELENA BRIZZI
VILMA DE FREITAS SANTOS

**FUNDAMENTOS TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E
INSTITUCIONAIS DO PROGRAMA FILOSÓFICO DE MATTHEW LIPMAN**

SANTOS
2015
FUNDAMENTOS TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E INSTITUCIONAIS DO
PROGRAMA FILOSÓFICO DE MATTTHEW LIPMAN

Ana Paula Ribeiro

Antonio José da Silva Filho

Daniela Monteiro Bertie

Silvia Helena Brizzi

Vilma de Freitas Santos

Resumo: Tendo em vista a Filosofia e a Educação constituírem-se muito proximamente desde as origens da cultura ocidental aliada a recente obrigatoriedade do Ensino de Filosofia, o entendimento pressuposto de que a Filosofia é uma área necessária à formação humana desde a mais tenra idade é elementar, ainda que os entendimentos filosóficos difiram em suas dimensões conceituais, metodológicas e no próprio exercício do filosofar. É neste cenário que se faz relevante a contribuição do Programa de Filosofia de Matthew Lipman trazido ao público brasileiro pelas lentes de Walter Omar Kohan (2000), obra que servirá ao presente texto como elemento de contextualização, problematização e a qual vamos nos ater especialmente. O objetivo da pesquisa é investigar a contribuição de Matthew Lipman ao Ensino de Filosofia na Educação Básica, compreender os fundamentos teóricos, analisar a metodologia e institucionalização de seu programa e pontuar os desafios do Ensino de Filosofia no cenário nacional. A abordagem utilizada para a realização da presente pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico e hermenêutico, enquanto técnica de leitura e análise dos textos referenciais.

Palavras-chave: filosofia, ensino, desenvolvimento, raciocínio.

Introdução

O diálogo entre a Filosofia e a Educação compõe reflexões de longa data, precisamente a educação procede a primeira se levarmos em conta o berço na esfera do conhecimento, a Antiguidade. Muitas são as definições que se têm nesse âmbito, em partes, indistinguíveis nos diferentes tempos históricos da humanidade.

No presente texto pretende-se abordar o percurso sobre o Programa de Filosofia de Matthew Lipman, exposto em língua portuguesa por Walter Omar Kohan (2000). Trata-se especialmente de uma perspectiva filosófica voltada a crianças e a ênfase dessa atividade ser desenvolvida juntamente as demais áreas que se têm contato desde o início do período de escolarização. Para tanto, Lipman (2008) aborda entendimentos e desdobramentos conceituais, metodológicos e institucionais ao longo de seu Programa de Filosofia.

Certamente, ao mesmo tempo em que percorre trajetórias, estas, se constituem como o problema de pesquisa sinalizado pelo próprio autor, Lipman, posto que intitula o presente trabalho, com vistas a compreensão e análise dos alcances e limites de sua proposta. A questão que se coloca é: Quais são os desafios teóricos, metodológicos e político-institucionais para o ensino de Filosofia no Brasil?

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivos investigar a principal contribuição de Matthew Lipman ao ensino de Filosofia na Educação Básica; pesquisar os fundamentos teóricos do programa de filosofia de Matthew Lipman; analisar a metodologia e institucionalização deste programa; e, pontuar os desafios do ensino de filosofia no cenário nacional considerando a proposta.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico tendo em vista seu escopo investigativo e teórico. Sendo assim, a hermenêutica será utilizada enquanto técnica de leitura e análise dos textos referenciais. A fundamentação teórica está baseada nas principais obras do autor corroboradas por Kohan (2008), que afirma contundentemente a necessária prática de sistematização da abordagem filosófica desde as fases iniciais da vida

estudantil. Essa tarefa permite aos professores de filosofia uma profunda reflexão, articulação e compreensão dos elementos e interfaces possíveis de serem estabelecidas na continuidade.

Os resultados esperados giram em torno da promoção dos pressupostos educacionais, políticos e metodológicos defendidos pelo autor, as implicações que essa reflexão projeta na formação do professor e especialmente sua concepção de aluno, enquanto sujeito em permanente processo de formação.

Assim, o texto a seguir irá apresentar os pontos conceituais, seguidos do levantamento e análise que a proposta permite, objetivando o aprimoramento acadêmico, a contribuição teórica proveniente da pesquisa e o levantamento dos avanços que se dão na construção do conhecimento, tal qual já preconiza o termo.

1. Fundamentos Teóricos do Programa de Matthew Lipman

Matthew Lipman nasceu em 1923 nos Estados Unidos. Doutorou-se em Filosofia na Universidade de Colúmbia em 1953, fez pós-doutorado na França e foi o fundador do Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças, ligado à Universidade Estadual de Montclair, em New Jersey. Lipman faleceu em 2010.

Pioneiro na proposta do trabalho de Filosofia com crianças, na década de 1960 elaborou um programa de ensino de Filosofia que pudesse ser abordada com crianças e a partir do interesse delas, as levasse a filosofar. Para tanto, Lipman desenvolveu como metodologia a Pedagogia da Comunidade de Investigação, na qual a sala de aula comum se torna uma comunidade investigativa, em que participam todas as crianças e o professor age como mediador na discussão e problemática apontada pelos estudantes. Esse diálogo filosófico, na visão do autor, desenvolve a Filosofia do Pensar bem, ou seja, é uma oportunidade para que os pequenos comecem a perceber formas de pensar criticamente, participem de discussões éticas e políticas e consigam refletir sobre esses debates.

Há no Programa Filosofia para Crianças um material didático específico para ser trabalhado na Educação Infantil e Ensino Fundamental, constituído por livros de leitura, também chamados por Lipman de “novelas filosóficas”, escritos pelo próprio idealizador do Programa. As novelas são histórias nas quais as personagens encontram-se envolvidas em diferentes situações que devem ser discutidas pelos partícipes. Para mediar tais discussões o mediador possui um manual para cada história, com várias sugestões de atividades que estimulam o desenvolvimento da argumentação crítica. O material, portanto, é voltado para o desenvolvimento do pensamento e apresenta várias áreas da Filosofia como: lógica, ética, estética, metafísica, filosofia da linguagem e filosofia da ciência. Assim, “observando e imitando essas personagens as crianças iriam, aos poucos, internalizando suas atitudes cognitivas, morais e sociais, tornando-se mais racionais” (SILVEIRA, 2011, p. 129).

Segundo Souza (2013) Lipman acreditava que é na infância que a mente está apta a aprendizados indispensáveis para a vida e a formação humana e que o contato com a Filosofia desde cedo amplia a capacidade reflexiva. O objetivo do estudo da Filosofia nesse quadro metodológico é proporcionar a prática investigativa do significado das coisas, baseando-se em seus próprios saberes cotidianos e desenvolvendo a partir dessas experiências um pensamento autônomo. Assim, filosofar ainda na Educação básica, poderia capacitar as crianças e adolescentes para questionar, confrontar ideias, não se conformar, protestando contra as certezas estabelecidas e ampliando sua visão de mundo.

Lipman acreditava que quando as pessoas chegam à Universidade, se não desenvolveram a capacidade crítica ainda na infância, terão dificuldade em desenvolvê-la, pois na juventude o seu pensamento já está formando.

Para o autor, o desenvolvimento das habilidades cognitivas ocorreria partindo de histórias que proporcionem aos alunos pensar sobre as idéias, ainda que não sendo citados nominalmente, os filósofos, teriam suas teorias apresentadas. Com o passar do tempo e o costume de filosofar, as crianças descobririam quem idealizou o pensamento estudado, pois Lipman considerava que o papel da filosofia na Educação básica não era analisar e resolver problemas filosóficos, mas sim compreender situações cotidianas ampliando a visão de

mundo, de si mesmo e da convivência em sociedade. Como salienta Silveira (2011), o conteúdo filosófico tem menor relevância, pois o que é priorizado é o emprego da metodologia da investigação, fazendo com que o trabalho com os conteúdos dê lugar ao desejo de aperfeiçoar a maneira de pensar. O que é relevante é a maneira ‘como’ pensam, em detrimento ‘do que’ pensam.

Nessa esfera metodológica, os erros ou considerações aparentemente irrelevantes que os alunos fazem no decorrer das aulas, podem quando bem trabalhadas pelo mediador, gerar discussões que desenvolvam o raciocínio hipotético-dedutivo, que representem pontos de vista pessoais e do grupo, tendo em vista que o pensamento não é visto como ampliação, quando salientamos apenas as proposições acertadas, os equívocos fazem parte do processo de formulação do pensamento e do raciocínio lógico. “O fazer Filosofia, para Lipman, possui como foco o pensar questões articuladas às regras da lógica formal, resultando em um pensamento excelente, ou pensamento de ordem superior” (SOUZA, 2013, p.19).

O Programa Filosofia para Crianças chegou ao Brasil no início dos anos 1980, momento em que encontrou vários simpatizantes e vários críticos. No auge das discussões acerca do Programa, pensou-se até na possibilidade de aperfeiçoá-lo ou adaptá-lo segundo as características regionais de nosso país.

Atualmente, ainda temos discussões a respeito da concepção de educação presente no Programa. Enquanto alguns estudiosos do tema consideram o Programa capaz de estimular o pensamento crítico e proporcionar avanços na aprendizagem das crianças, outros autores questionam o caráter redentor da educação enfatizado em seus escritos.

Renê José Trentin Silveira é um exemplo dos pesquisadores que questionam a preocupação central do trabalho proposto por Lipman. Segundo Silveira, o Programa elaborado por Matthew Lipman apresenta uma concepção liberal da relação entre educação e sociedade. Dentro dessa ótica liberal utilizada pelo autor, a educação apresenta um caráter redentor da sociedade. Atribui-se a educação a tarefa de corrigir as imperfeições sociais, oportunizando as mesmas condições para os indivíduos. Porém, é necessário ressaltar que não é possível desconsiderar a intervenção da sociedade na educação.

De acordo com essa concepção, se as imperfeições dos sistemas educacionais forem corrigidas, conseguiremos uma população e líderes governamentais mais esclarecidos e conseqüentemente uma sociedade mais justa, melhor.

Lipman considerava que a transformação das salas de aula em comunidades investigativas expandiria o movimento para as demais áreas da escola e da comunidade. Para apresentar tal idéia o autor se baseou na teoria de Dewey sobre os microcosmos transformados para atingir o macro, a grande comunidade.

O filósofo comenta ainda que as comunidades de investigação seriam modelos de convivência democrática e que a partir da implantação desses modelos nas escolas estaríamos formando crianças verdadeiramente preparadas para viver a democracia. Isso também nos mostra o caráter político assumido pelo pensador em seus estudos.

Assim:

Enquanto para a educação tradicional a marginalidade era resultado da ignorância e para a Escola Nova do desajustamento psíquico dos indivíduos, para Lipman, o problema está na irracionalidade. É ela a grande responsável pelos descaminhos da humanidade (SILVEIRA, 2011, p. 133).

Portanto, somente a educação quando voltada para o pensar, poderia livrar as crianças da irracionalidade, solucionando assim, as mazelas sociais através da organização do pensamento, da razão.

O item que segue trata detalhadamente das novelas e manuais filosóficos, das habilidades cognitivas desenvolvidas pela filosofia e da maneira como sugere o encaminhamento em sala de aula.

2. Panorama Metodológico e Institucional do Programa

A história da filosofia ocidental, por um lado, é abordada por meio de novelas e exemplificam diálogos entre crianças, professores e pais que debatem livremente questões do seu cotidiano. Por outro lado, os manuais propõem exercícios e planos de discussões a

partir das idéias contidas nas novelas, não sendo especificamente mediadas por professores com formação na história da filosofia, por isso a ideia de mediação (KOHAN, 2008).

São oito programas propondo uma grande quantidade de problemas filosóficos que objetivam a reflexão desde a pré-escola até o ensino médio, sendo que cada programa é planejado para ser trabalhado durante dois anos escolares. Como indicado na figura 1.

Novela filosófica	Elfie	Issao e Guga	Pimpa	Nous	A descoberta de Ari dos Telles	Lúisa	Satie	Marcos
Ano de publicação 2. ed.	1988	1982/86	1981	1996	1974/1982	1976/1983	1978	1980
Manual	Colocando juntos nossos pensamentos	Maravilhando-se com o mundo	Em busca do sentido	Decidindo o que fazer	Investigação filosófica	Investigação ética	Investigação estética	Investigação social
Idade	5-6 anos	7-8 anos	9-10 anos	11-12 anos	13-15 anos	13-17 anos	13-17 anos	13-17 anos
Série escolar	Pré-escola	1ª e 2ª séries	3ª e 4ª séries	3ª e 4ª séries	5ª e 6ª séries	7ª e 8ª séries	Ensino médio	Ensino médio
Temas	Comunidade de investigação filosófica	Filosofia da natureza	Filosofia da linguagem/ontologia	Formação ética	Lógica/teoria do conhecimento/filosofia da educação	Ética	Estética	Filosofia social e política

Fonte: Kohan, 2008, p.52.

A estrutura curricular se desenvolve de forma espiral, ou seja, temas específicos vão sendo abordados recorrentemente no decorrer dos programas. “O tema liberdade, por exemplo é tratado em praticamente todos os programas. Para crianças menores porém, ele é tratado como a questão de “escolha” entre opções, e só a partir de Pimpa aparece o termo liberdade” (KOHAN, 2008, p.54). Lipman também atribui aos romances filosóficos a função de dar o impulso inicial para as investigações que certamente, deles surgirão. Ao professor mediador cabe manter o “momento inquisitivo” por meio das atividades propostas nos manuais, que por sua vez, guardam “planos de discussão e de perguntas,

planejados de modo a suscitar novas perguntas em vez de preparar caminho para respostas explícitas” (LIPMAN, 1990, p. 170).

Para tanto, Lipman (2001) elenca habilidades cognitivas essenciais que são desenvolvidas e não ensinadas para o processo de investigação em sala de aula.

A educação não é, portanto, uma questão de aquisição de habilidades cognitivas, mas de fortalecimento e aperfeiçoamento de habilidades. Em outras palavras, as crianças estão naturalmente inclinadas a adquirir habilidades cognitivas, do mesmo modo que adquirem naturalmente a linguagem, e a educação é necessária para fortalecer esse processo (LIPMAN, 2001, p. 65).

As habilidades cognitivas são compreendidas em quatro grupos: a) Habilidade de Investigação - pesquisa ou análise de situações-problema que objetivam possibilidades resolutivas diversificadas e alternativas. Para investigar é preciso partir em busca de resoluções baseadas em uma autocorreção. São habilidades que desenvolvem o espírito científico das crianças e dos adultos (LIPMAN, 2001); b) Habilidades de Raciocínio - formas de ampliar o conhecimento que temos a partir da experiência, pois permite perceber que o que é verdadeiro para um membro pode não ser para outro, mas permitem coordenar, estender e justificar o conhecimento adquirido a fim de chegar a uma conclusão (KOHAN, 2008); c) Habilidade de Organização da Informação - as três principais informações são os conceitos, as orações e os esquemas; d) Habilidades de Tradução (diálogo) - “É preciso dispor de ferramentas para organizar as diversas informações e experiências nele presente de acordo com unidades relevantes de sentido” (Kohan, 2008, p. 55).

Todas essas habilidades são consideradas como condições para o pensar de ordem superior, devendo, portanto, ser estimuladas nas crianças durante os vários momentos da aprendizagem a fim de desenvolver a racionalidade das crianças (CARDOSO, 2011).

A dimensão prática – o trabalho em sala de aula – se inicia pela leitura de uma narrativa (capítulo de uma de suas novelas), seguida de questões individuais ou em grupo elaboradas pelos estudantes sobre os assuntos considerados por eles relevantes, para a partir

daí, iniciar o debate com a participação conjunta. O professor media as discussões e cuida do cumprimento das regras da “comunidade de investigação” e não desenvolve nenhum papel na elaboração das respostas sempre provisórias e reversíveis (KOHAN, 2008).

A riqueza dessa proposta na esfera institucional é inquestionável, pois abriu caminhos até então, intransitados pela filosofia. A adesão propõe uma prática filosófica inovadora em escolas. Entretanto, como o próprio programa aponta para a reversibilidade, no sentido de que nada é definido de antemão, tem-se um instrumento inovador que ao mesmo tempo permite visualizarmos limitações que podem ser superadas e complementadas por meio da contribuição da própria atitude filosófica ocorrendo continuamente pelos envolvidos no processo educacional.

Considerações Finais

Podemos perceber ao longo do texto que a proposta de Lipman é centrada especialmente numa concepção de filosofia não enciclopedista. O enciclopedismo é, segundo o autor, atribuído ao ensino da filosofia se trabalhado isoladamente acerca do estudo da história da Filosofia. Esse entendimento por um lado reafirma a tradição e rigor da história da filosofia, mas por outro lado, limita a perspectiva do filosofar que é justamente a proposta com que Lipman vem ao encontro. A ênfase atribuída pelo autor é tomar como fio condutor à atitude reflexiva, o desenvolvimento autônomo do ponto de vista intelectual, a prática da análise, do pensar, de transpor os conhecimentos para situações tanto conceituais como práticas do cotidiano.

Do ponto de vista estritamente prático, principalmente diante da análise da faixa-etária em que o autor propõe o desenvolvimento de sua proposta, não podemos afirmar que é uma espécie de engenharia social, como quer a crítica, já apontada no desenvolvimento do presente texto, e sim, considerar a filosofia enquanto ‘ferramenta’ cognitiva que inclusive pode ser dirigida a outros fins, outras esferas do saber e especialmente na vida cotidiana. Ou

seja, toda e qualquer forma que restrinja a liberdade de pensamento do sujeito em formação é tida como insatisfatória, porque presume certa formatação e não formação do sujeito.

Ainda no campo prático, é bem verdade que as ‘novelas filosóficas’ na roupagem contemporânea teriam que ser revistas, mas a grande contribuição é ler a proposta ‘por dentro’, ou seja, alcançar a autonomia do pensar que é o objetivo principal, pois, certamente adquirida essa autonomia todos os demais saberes posteriores, podem ser articulados sem que estejam necessariamente formatados em um dado momento, contexto, situação ou campo de conhecimento nos sentidos estritos.

Sendo assim, a maior contribuição de Lipman refere-se a uma proposta educativa que abre possibilidades para a construção autônoma do saber – o que não é tarefa fácil na esfera metodológica. Por outro lado, o desafio é permitir que o sujeito construa e consolide seus conhecimentos respeitando as concepções filosóficas, saberes instituídos e próprios de um autor, por exemplo. O que nos permite afirmar que os caminhos podem ser distintos, mas os conceitos convergirão em dado momento, promovendo uma espécie de movimento cíclico de conhecimento que não se esgota em si mesmo, mas que permite novas interlocuções, tal qual a própria ideia de conhecimento.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Ana Lucilia. **Educação para o Pensar**: O lugar do diálogo na teoria e na prática lipmaniana (Dissertação de pós graduação em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei). São João Del Rei: 2011.

KOHAN, W. O. **Filosofia para crianças**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.



LIPMAN, M. **A filosofia vai à escola.** São Paulo: Summus, 1990.

SILVEIRA, Renê José T. O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman: uma Concepção Liberal da Educação. **Childhood e philosophy.** Rio de Janeiro, v.7, n.13, p. 124-139, 2011.

SOUZA, Tania Silva de. O Ensino de Filosofia para Crianças na perspectiva de Matthew Lipman. **Filogênese.** Marília, v. 6, n.2, 2013. Disponível em <www.marilia.unesp.br/filogenese>. Acesso em: 12 abr. 2015.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick. **A filosofia na sala de aula.** Tradução de Ana Luiza Fernandes Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.